

Paul Newman e a arte dramática, “Suplemento Literário”, 13 abr. 1962

Vladimir Herzog

O Estado de S. Paulo, “Suplemento Feminino”, 13 abr. 1962

MAR DEL PLATA, março – Rivalizando com Jean-Paul Belmondo em popularidade, Paul Newman veio a este balneário argentino para presenciar a exibição de seu último filme, *The Hustler*, amostra norte-americana no IV Festival Internacional de Cinema. Na película ele interpreta o papel de Eddie Felson, ambicioso e hábil jogador de bilhar. No momento em que escrevemos estas linhas não sabemos ainda qual a decisão do júri que preside ao certame, mas se o aplauso do público presente à exibição de *The Hustler* tiver alguma influência, o ator dificilmente deixará de obter um prêmio.

“É o primeiro Festival de que participo” – diz Paul Newman, lamentando não ter trazido sua esposa, a atriz Joanne Woodward, que se acha participando de uma convenção médica de combate ao câncer nos Estados Unidos (ela ajuda a recolher fundos para pesquisas).

Numa entrevista que deu em Mar Del Plata, Newman disse que reconhecia existir uma standardização no tipo de representação “Actor’s Studio” dos atores menos experimentados. “Quem deve determinar o estilo é o dramaturgo e não o ator.” O “Actor’s Studio” não pode ser culpado em virtude de alguns que imitam inapropriadamente o seu método.

– Que acha dos que o consideram como uma segunda versão de Marlon Brando?

– Sinto-me honrado com a comparação. Gosto muito do trabalho de Marlon, que é um ótimo ator quando está realmente interessado em seu trabalho.

– O ator é um elemento maleável e passivo nas mãos do diretor?

– Quando se apresenta em sua melhor forma, o espetáculo resulta dos esforços entre ator, autor e diretor. Se o ator tem personalidade muito forte e o diretor fraca, o efeito será justamente o contrário.

– Sente-se melhor interpretando comédias ou dramas?

– Empenho-me igualmente em todos os papéis. Pessoalmente creio adaptar-me melhor aos papéis dramáticos característicos.

– Nota alguma diferença entre a sua geração e a que o antecede?

– Tremenda. É como a pergunta da galinha e do ovo. Antes, os autores clássicos exigiam um tipo especial da interpretação. Novos diretores nos Estados Unidos criaram mais tarde uma interpretação de tipo naturalístico e os chamados “dramas de cozinha” (*kitchen drama*). Creio que o drama está enfermo. Encontramo-nos na fase final do drama psicológico de cozinha do tipo papai-nunca-me-beijou por isso-vou-matar-todo-mundo.

– E Kazan?

– Teve influência importante numa certa época de renovação, que hoje está ultrapassada. Este tipo de drama está exausto,

– Pode mencionar algum diretor que tenha superado esta tendência?

– Não posso dizer.

- Em que linha colocaria então a temática do seu filme *The Husler*?
- Ela representa uma seção muito pequena da cultura americana, embora o problema seja universal.
- Que opinião tem dos jovens diretores nova-iorquinos, como Casavettes e outros?
- Prefiro o trabalho de Nova York, onde há mais liberdade de criação. Só vi a fita *Shadows*. Basicamente, entretanto, estou em desacordo com a escola de Nova York, por não possuir uma economia genuína. Não tem aquilo que tem um verdadeiro pintor, que pode evoluir a partir de um traço. Acho que o ator não deve ser autoindulgente.
- É campeão de *twist*?
- Não. É imoral.
- Em *Doce pássaro da juventude*, filme baseado na peça de Tennessee Williams, foi feito algum expurgo em relação ao texto original?
- Sim. Mas os elementos fundamentais da peça, bem como a sua conclusão, permaneceram os mesmos.
- Fale-nos algo da curta-metragem que dirigiu.
- Surpreendo-me que se saiba de sua existência. Trata-se da filmagem de um monólogo de 28 minutos de Tchekov, intitulado *Dos males que faz o tabaco*. A fita, entretanto, malogrou pois cometi dois erros importantes na direção.
- Está identificado com a temática de Williams?
- Sempre estive interessado no problema da corrupção. Acho que a melhor maneira de mostrar às pessoas como podem ser melhores é mostrá-las naquilo que têm de pior.
- Que acha do filme de Fellini *A doce vida*?
- É um filme tremendo. Mas a meu ver sofre de falta de economia. É demasiado repetitivo.
- Considera seu preparo teatral adequado para interpretar Beckett?
- Não creio. O valor do teatro de vanguarda prende-se a fatores do momento. Além disso, não tenho veleidades de crítico.
- Considera o conjunto do “Actor’s Studio” que visitou a América Latina como representativo da escola?
- Não vi a produção. Em todo caso, sei que não era um conjunto oficial da escola. Espero que no próximo ano eles mandem um conjunto oficial do “Studio”.
- Rejeita o texto em benefício do efeito plástico?
- O trabalho do ator não é criativo, mas interpretativo. Quando me dão um papel pergunto-me qual a sua posição no conjunto da obra e trato de desenvolvê-lo neste sentido.
- Que diz então de certas interpretações shakespearianas, como a de Marlon Brando em *Júlio César*, em que se dá maior ênfase à expressão corporal?
- *Júlio César*, o primeiro e segundo ato de *Romeu e Julieta* representam um comportamento marcadamente humano, típico do século XV na Itália. Os amantes de Verona devem ser representados – como alguém já disse – numa atmosfera em que um cão virgem encontra uma cadela no cio. Gosto das representações do “Lincoln’s Center”. A interpretação não consiste apenas no limitar-se a uma forma de oratória, mas pressupõe toda a expressão do ator. Eu nunca interpretei um personagem cerebral.
- Haverá alguém hoje que pudesse substituir James Dean na maneira de atuar?

– Não. Acho que se Jimmie estivesse vivo teria chegado a perfeições superiores a qualquer ator da atualidade.

– A que excessos pode levar o método do “Studio”?

– Ao abandono da economia. Vejam. (Newman neste ponto pede ao interlocutor que lhe faça uma pergunta que ele possa responder negativamente. Então, levanta-se, faz uma cara aborrecida, depois interrogativa, põe as mãos nos bolsos, depois coça a cabeça, põe a mão no queixo, depois coça o nariz, faz que vai falar mas não fala, olha no vazio, finalmente senta e balbucia – Não!...)

– Qual o seu maior defeito?

– Não ser suficientemente espontâneo.

Texto e fotos de Vladimir Herzog

Na capa: Paul Newman e a atriz argentina Elsa Daniel

HERZOG, Vladimir. “Paul Newman e a arte dramática”. *O Estado de S. Paulo*, “Suplemento Feminino”, São Paulo, 13 abr. 1962, p. 14.